



ESCREVENDO E TRANSFORMANDO MUNDOS

WRITING AND TRANSFORMING WORLDS

Roberta Renoir Santos Fumero

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

robertarenoirfumero1973@gmail.com

Veronica Cunha

Rede Municipal de Ensino Nova Iguaçu e Queimados

professoraveronicacunha@gmail.com

RESUMO

O presente texto pretende narrar a trajetória de formação e o início de atividades de um coletivo de mulheres negras (*Mulheres do Ler*). Essas mulheres de formações, idades variadas se reuniram para a escrita de uma antologia, que descreve em diferentes linguagens (prosa e verso) suas vivências como mulheres, negras e da Baixada Fluminense no Rio de Janeiro. O movimento de estruturação da obra literária, as ações de debate e divulgação em torno das temáticas apresentadas pelo grupo se constituem um ato efetivo de resistência do povo negro. Tais premissas são sustentada por pensadoras como: Djamila Ribeiro, Conceição de Evaristo e outras que constituem um referencial de luta e representatividade junto a esse processo.

Palavras-chave: Mulheres Negras; Literatura; Resistência.

ABSTRACT

The present text intends to narrate the formation trajectory and the beginning of activities of a collective of black women (*Mulheres do Ler*). These women of different ages and backgrounds came together to write an anthology, which describes in different languages (prose and verse) their experiences as women, blacks and the Baixada Fluminense in Rio de Janeiro. The structuring movement of the literary work, the actions of debate and dissemination around the themes presented by the group constitute an effective act of resistance by the black people. Such premises are supported by thinkers such as: Djamila Ribeiro, Conceição de Evaristo and others that constitute a benchmark of struggle and representativeness in this process.

Keywords: Black Women; Literature; Resistance

A sociedade atual precisa e deve debater o racismo, conhecer suas consequências e trabalhar de maneira sistemática e profunda na construção uma comunidade antirracista. Essa é uma tarefa árdua, que exige um permanente movimento se reinventar e montar novas estratégias de enfrentamento. Djamilia Ribeiro em "Pequeno Manual Antirracista" (2019) nos sinaliza que o racismo é estrutural, é um sistema de opressão que nega direitos e cria desigualdades latentes e profundas no nosso povo, compreender e agir contra tais elementos é algo essencial no momento.

Dentro desse processo as mulheres são alicerces importantes para estruturação desse pensamento antirracista, a organização das mulheres em torno de temas como feminismo e negritude é recente, no Brasil tal temática ganha novos contornos no início da década de 1970, com o Movimento de Mulheres Negras (MMN), cujas pautas se basearam em cinco temas fundamentais, que são: legado de uma história de luta; interligação entre gênero, raça e classe; combate aos estereótipos ou imagens de controle; atuação como mães, professoras e líderes comunitárias; política sexual. Nesse movimento de afirmação teremos a ação de um grupo expressivo de mulheres como: antropóloga Lélia Gonzales; a historiadora e ativista pelos direitos humanos de negros e mulheres Beatriz Nascimento; a socióloga Sueli Carneiro; a escritora Conceição de Evaristo; a socióloga Vilma Reis; a Maria Escolástica da Conceição - ialorixá Mãe Menininha do Gantois; a vereadora Marielle Franco; a filósofa e escritora Djamilia Ribeiro e de muitas outras mulheres negras que trouxeram/ trazem o foco das discussões para a processo de invisibilização e exclusão do povo negro e tais reflexões nos convocam a variadas formas de enfrentamento - político, filosófico, religioso.

Na trilha / ou seguindo o caminho dessas mulheres que se inseriram em variados segmentos negros e considerando os temas mencionados Sant'Anna (2004) menciona questões nucleares que o movimento deveria cumprir: a primeira seria contar a própria história, divulgar a trajetória das mulheres negras, se possível trazendo referências de escritoras negras brasileiras no intuito de recordar momentos de organização política das mulheres negras brasileiras. Ou seja, temos um chamado a divulgação das histórias, dessas mulheres negras, pode se categorizar como construção de referencial. Posteriormente a autora aponta também a necessidade de se analisar quanto as mulheres negras sinalizam suas dificuldades de sobrevivência sejam elas sociais, econômicas, políticas e culturais conectando-os aos problemas estruturais da sociedade brasileira, para tanto. Uma terceira questão seria explicar

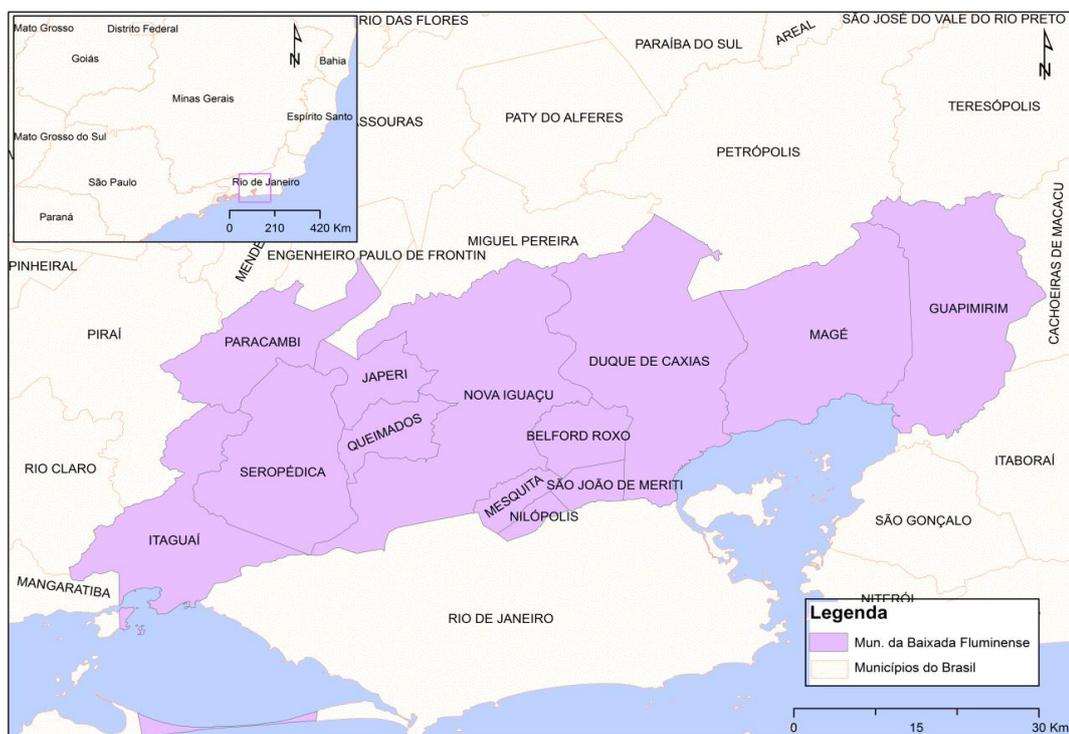
porque distinguir os interesses e as necessidades das mulheres negras frente as de outras mulheres brasileiras ainda é algo importante, aqui sem distinções de classe social, local de nascimento, profissional, estado conjuga e outras. Nesse ponto, reconhecer como mulher negra brasileira é uma questão de estabelecimento de identidades. Sendo assim, dentro desse contexto histórico e teórico que emergem uma série de ações que visam concretizar tais propostas, estabelecer uma visão de mundo mais igualitária e antirracista.

Esse é um processo significativo, pois passa pelo conhecimento de quem “fala”. É fundamental analisar as possíveis razões para tal “fala” e entender como essa “fala” pode direcionar certas ações. Ribeiro (2019b) diz que esse de lugar de fala é:

O conceito de lugar de fala discute justamente o locus social, isto é, de que ponto as pessoas partem para pensar e existir no mundo, de acordo com suas experiências em comum. É isso que permite avaliar quanto determinado grupo - dependendo de seu lugar na sociedade - sofre um obstáculo ou é autorizado e favorecido. (RIBEIRO, 2019b, p.35).

A Baixada Fluminense é uma das áreas em que as marcas de exclusão social permanecem visíveis; o acesso a saúde, a educação seguem sendo um grande desafio; apesar de formação cultural riquíssima existe um longo caminho para um real reconhecimento da sociedade e para a estruturação de novas estratégias de enfrentamento dessas problemáticas.

Mapa da Região da Baixada Fluminense



Fonte: Elaborado por Juliana Siqueira Mota.

Nesse estudo descreveremos a trajetória de um a grupo de mulheres dessa Baixada, desse espaço repleto singularidades que se constrói, reinventa e se transforma sempre. Encontramos a realidade onde grande parte das mulheres da Baixada se desloca para a região central (município do Rio Janeiro) em busca de melhores oportunidades de trabalho e subsistência. São longas distâncias (trajeto que, em média, dura 1h30min ou 2h30min), o que faz com que essas mulheres permaneçam a maior parte do dia fora de casa. Elas atuam predominantemente em atividades ligadas à prestação de serviços (domésticas, estoquistas de supermercado, cuidadoras de idosos, atendimento de telemarketing, caixas, auxiliar de serviços gerais e outros). Tais atividades possuem uma baixa remuneração. Ao visualizar os perfis desse público, percebo que são mulheres, negras e com baixos rendimentos, as quais formam um grupo vulnerável de extrema pobreza¹.

Verificando o salário médio mensal das trabalhadoras formais nos municípios da Baixada, essa remuneração gira em torno de 2 a 2,8 salários-mínimos. Quanto ao percentual da população com rendimento nominal mensal per capita de até 1/2 salário-mínimo, os números são 37, 8% a 41%. Esses dados demonstram que uma camada expressiva da população da Baixada possui uma faixa de rendimento baixo do salário-mínimo, o que expõe várias das configurações sociais da região.

Quando se conhece a realidade, vemos uma movimentação de abertura de pequenas fontes de geração de renda, atividades desenvolvidas na própria residência ou em pequenos espaços (cabeleireira, confeitaria, costura, manicure, outros). Esses negócios possibilitam a circulação de renda, fortalecem a estrutura financeira das famílias e garantem sua manutenção e sobrevivência. Esses são elementos que contribuem para o atendimento de questões objetivas e emergenciais, mas que se afastam de questões estruturais (racismo, respeito à mulher, acesso a uma educação de qualidade, cultura) da sociedade e de eixos de ações para uma situação igualitária dessa camada da população.

Essa caracterização se faz necessária, pois é nessa zona caracterizada como periférica que apesar de tantas diversidades ou justamente por delas surgem movimentos como o *Mulheres do*

¹ Disponível em: <https://forumgritabaixada.org.br/artigo-o-feminismo-negro-na-baixada-por-lilian-barbosa>
Acesso em: 27 abr. 2020. Artigo escrito por Lilian Luiz Barbosa, pesquisadora do Laboratório de Estudos de Relações Étnicas Raciais (NEPP/UFRJ). Bolsista do Núcleo de Solidariedade Técnica da UFRJ/SOLTEC.

Ler - coletivo de mulheres negras que desejam difundir a literatura e as discussões em torno das temáticas sobre negritude em diferentes localidades e segmentos sociais.

Então, o processo se inicia numa ação do grupo chamado Semeando Sorrisos, que desenvolvia série de ações sociais em Queimados / RJ. Uma desses trabalhos foi rodas de leitura de autoras negras uma sala de Educação de Jovens e Adultos no município (Baixada Fluminense). Inicialmente seria uma simples atividade da turma, porém o interesse foi crescendo e o grupo passou a ser mensal para conversar sobre o Livro *Olhos d'água*, emergem várias questões relacionadas a gênero, possibilidades na sociedade. Toda a movimentação abre uma reflexão sobre o termo *escrevivência* e como a escrita preta vem nos ajudar na revisita a nossa história e na construção de novas possibilidades de inserção no mundo acadêmico e/ou outros espaços, recusando a negação de direitos e aniquilamento de nossas potencialidades. Por meio do livro escolhido, discutimos a pobreza e a violência urbana, que é uma realidade da região. A busca era que através dos contos de Conceição, que as mulheres ampliassem sua criticidade frente à vulnerabilidade que vivem e que a tessitura poética e ficção em Evaristo sejam inspiração para um novo olhar sobre o mundo.

Gradativamente se incorpora outras (Conceição do Evaristo, Carolina de Jesus, Djamilia Ribeiro e numa clara perspectiva de empoderamento se insere mulheres da própria região que estão adentrando e circulando no mundo literário) entendendo que o objetivo principal é tornar os textos dessas mulheres impulsionadores de debates em torno das questões étnicas raciais.

Como sabemos que uma ação impulsiona outras, dessas rodas surgiu a proposta de se escrever um livro com as narrativas de mulheres negras da Baixada. Incrível, pois o livro está pronto no momento e com data de publicação para próximo mês (Novembro/2020). Mulheres de diferentes formações, idades, crenças e histórias de vidas singulares que se unem para reverberar os significados de ser mulher, negra, na Baixada Fluminense (e nas áreas periféricas desse nosso país). O livro está quase lançado, páginas do *Mulheres do ler* foram lançadas nas principais redes sociais e com declamação poesias de diferentes autoras, divulgação de trabalhos pedagógicos e eventos para o que o público tenha acesso variados informes relacionados a temas vinculados a negritude. Seja, são as mulheres cumprindo seu papel de aceleradoras de transformações.

É relevante e extremamente gratificante integrarmos a constituição de um coletivo de mulheres negras, que tem como objetivo comum a implementação de uma sociedade com direitos mais igualitários, que grupos ainda classificados como minoritários alcancem visibilidade e assumam mudanças nesse estado de coisas. A luta antirracista é de todos (as). Urge que ouçamos o que as mulheres dizer. Faz-se necessário que nos comprometamos com um ato de ler e escrever vinculado a uma forma de se inscrever no mundo.

Parafraseando Chiamamanda Ngozi Adichie, sabemos que muitas histórias importam. Não podemos perder de vista que trabalhamos num contexto histórico marcado por exclusão e alijamento de direitos. Assim, nossa tarefa torna – se ainda mais desafiadora e urge que nos apropriemos das especificidades desta área, estudando, pesquisando, a fim de que possamos criar alternativas metodológicas realmente humanizantes e que permitam que nossos jovens sejam.

Deverá haver então, a gênese de atividades pedagógicas emocionalmente estimulativas para os alunos, procurando atingir seu sentimento. E isto está diretamente associado ao compromisso político, pois (...) é preciso, por outro lado, reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescindida da formação.

A música a seguir expressa bem o sentimento desse momento e mais do que isso nos remete a refletir que não podemos desistir não é uma opção, que união nas ações é que as tornam efetivas.

Samba da Utopia	
Ceumar	
Se o mundo ficar pesado	Se o mundo andar pra trás
Eu vou pedir emprestado	Vou escrever num cartaz
A palavra poesia	A palavra rebeldia
Se o mundo emburrecer	Se a gente desanimar
Eu vou rezar pra chover	Eu vou colher no pomar
A palavra sabedoria	A palavra teimosia
Se o mundo andar pra trás	Se acontecer afinal
Vou escrever num cartaz	De entrar em nosso quintal
A palavra rebeldia	A palavra tirania
Se o mundo ficar pesado	Pegue o tambor e o ganzá
Eu vou pedir emprestado	Vamos pra rua gritar
A palavra poesia	A palavra utopia.
Se o mundo emburrecer	Composição de Jonathan Silva
Eu vou rezar pra chover	
Palavra sabedoria	

Sabemos que o caminho para as mudanças é difícil e requer um nível de organização que precisa adaptar-se a cada momento as novas configurações da sociedade, sendo assim seguimos construindo estratégias e ações de enfrentamento, que concretizem a melhorias dentro do nosso meio social.

Referências bibliográficas

CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*/ Sueli Carneiro; Prefácio: Conceição de Evaristo, Apresentação Djamilia Ribeiro - São Paulo: Pólen Livros, 2019

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. 495 p.

CUNHA, Verônica. *Coração em Palavras*. 1 ed. Rio de Janeiro: Ed. Conexão 7, 2019.

Evaristo, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

_____. *Becos da Memória*. Belo Horizonte: Mazza, 2006. 2. ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2013. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

_____. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

_____. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

_____. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

_____. *Entrevista concedida ao portal Beleza negra e mulata / Afirma*. Disponível em: http://www.afirma.inf.br/textos/entrevista_novembro.rtf. Acesso em: 13 Ago. 2020

_____. *Literatura negra: uma voz quilombola na literatura*. Rio de Janeiro: UFF, 2004. Disponível em: <http://www.bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/evaris.rtf>. Acesso em: 13 Ago. 2020

LORDE, Audre. *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais*/ Audre Lorde...[et.al.]; organização Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. 440p.

Nascimento, Beatriz. *Todas (as) distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento* / Organizado por Alex Ratts e Bethânia Gomes; ilustrado por Iléa Ferraz e revisado por José Henrique de Freitas Santos. Salvador: Editora Ogum's Toque Negros, 2015. P.32

Oliveira, Luiz, "Escrevivência" em *Becos da memória, de Conceição Evaristo*" Estudos Feministas, Florianópolis, 17(2): 344, maio-agosto/2009

PERES, Guilherme. *Os caminhos da Baixada*. In: TORRES, Gênesis (Org). **Baixada Fluminense: a construção de uma história: sociedade, economia, política**. São João de Meriti, RJ: PAHB Editora, 2004.

RIBEIRO, Djamila. ***Lugar de fala***. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019a. 112p. (Feminismos Plurais/Coordenação de Djamila Ribeiro)

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. 1.Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019b.

SANT'ANNA, Wânia. "*Histórias de vida e de organização política: mulheres negras na construção do conhecimento*". In: *Mulheres negras formando políticas públicas de desenvolvimento*, Caderno de Textos. Brasília: Articulação de Mulheres Brasileiras, 2004. *Revista de Estudos Feministas*, n.2, v.3, 1995, p.24-45.

Roberta Santos Fumero: Professora atuante dentro da rede pública de ensino no Rio de Janeiro (Duque de Caxias). Mestranda em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro trabalhando com eixos temáticos ligados a questões étnicos raciais e gênero. Integra grupo de movimentos sociais ligados a questões étnicos raciais.

Verônica Cunha: Mestre em Educação pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/ Fio Cruz. Professora da Rede Municipal de Nova Iguaçu e Queimados. Escritora e participante e movimentos sociais ligados a negritude e leitura.

Artigo recebido para publicação em: 07 de outubro de 2020.

Artigo aprovado para publicação em: 01 de dezembro de 2020.

Como citar:

FUMERO, Roberta Renoir Santos; CUNHA, Verônica. *Escrevendo e transformando mundos*. *Revista Transversos*. Dossiê: O protagonismo das mulheres negras na História dos Brasis. Rio de Janeiro, n°. 20, 2020. pp. 238-245. Disponível em: <<http://www.publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2020.55109.

